



**UNILAB**

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES  
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**WANDERSON DA ROCHA COSTA**

**A RECEPÇÃO DOS CONTOS AFRO-BRASILEIROS DO LIVRO CAROÇO DE  
DENDÊ NA COMPONENTE EDUCAÇÃO E LITERATURA NEGRA DA UNILAB**

**ACARAPE**

**2022**

**WANDERSON DA ROCHA COSTA**

**A RECEPÇÃO DOS CONTOS AFRO-BRASILEIROS DO LIVRO CAROÇO DE  
DENDÊ NA COMPONENTE EDUCAÇÃO E LITERATURA NEGRA DA UNILAB**

Monografia apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Campus Ceará.

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline da Silva Costa.

ACARAPE

2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Costa, Wanderson da Rocha.

C87r

A recepção dos contos afro-brasileiros do livro Carço de dendê na componente educação e literatura negra da Unilab / Wanderson da Rocha Costa. - Redenção, 2022.

41f: il.

Monografia - Curso de Humanidades, Instituto de Humanidades,  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Profª Dra. Jacqueline da Silva Costa.

1. Oralidade. 2. Ancestralidade. 3. Tradição oral. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 401.41

---

**WANDERSON DA ROCHA COSTA**

**A RECEPÇÃO DOS CONTOS AFRO-BRASILEIROS DO LIVRO CAROÇO DE  
DENDÊ NA COMPONENTE EDUCAÇÃO E LITERATURA NEGRA DA UNILAB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Campus Ceará.

Aprovado em: 04/08/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

**Profa. Dra Jacqueline da Silva Costa (Orientadora/IH UNILAB)**  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB/Ceará

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Eliane Costa Santos (Examinadora/IH UNILAB)**  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB/Bahia

**Prof. Dr. Luiz Fernando de França (Examinador/ILL- UFOPA)**  
Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este projeto à Deus, aos ancestrais, a minha família, ao meu pai Stenio (InMemorian) e a minha mãe. Dedico à todos que contribuíram direta ou indiretamente durante esse processo que se iniciou e que pretendo percorrer em minha vida.

## **AGRADECIMENTO**

Agreço ao universo pelo crescimento e força na qual sustenta o nosso equilíbrio para não falhar em um período pandêmico, onde se é difícil produzir, por conta dos impecilios, que nos cercam durante o processo de construção. Sou grato à minha orientadora, a minha família, aos meus amigos, e aos meus ancestrais que sempre me guiam nessa jornada da vida e da produção do saber.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conhecimento ancestral transmitido pela tradição oral africana, através dos contos africanos e as narrativas dos discentes através da experiência na componente (ELN) bem como o livro carço de dendê. Ao mesmo tempo fazer uma reflexão sobre o modo de fazer literatura e cultura da tradição oral negra e africana. O plano de trabalho da componente contemplou o uso de literaturas negras e contos africanos e a partir deste foi realizado uma pesquisa de campo, tendo como técnica para coleta de dados o questionário aberto, para dialogar com os discentes que experienciaram o curso. Deste modo, está é uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, que se desenvolve a partir de uma revisão bibliográfica e uso de um questionário aberto. Para o desenvolvimento do referencial teórico e análise dos dados obtidos, este estudo baseou-se em autores e autoras, que versam sobre escrevivências, oralidade, memórias e narrativas (EVARISTO 2020; BÂ 2013). Constatou-se que a componente de ELN, tem contribuído para o processo de desconstrução de educação que como base em um currículo eurocêntrico e com resquícios coloniais, que perpassa nossas trajetórias escolares, desde a educação infantil até a superior.

**Palavras-chave:** Oralidade. Ancestralidade. Tradição Oral.

## **ABSTRACT**

The present work aims to analyze the ancestral knowledge transmitted by the African oral tradition, through African tales and the narratives of the students through the experience in the ELN component as well as the stone dwell book of oil. At the same time make a reflection on the way of making literature and culture of the black and African oral tradition. The work plan of the component contemplated the use of black literature and African tales and from this was carried out a field research, using as a technique for data collection the open questionnaire, to dialogue with the students who experienced the course. Thus, this is a qualitative research, of exploratory character, which develops from a bibliographic review and use of an open questionnaire. For the development of the theoretical framework and analysis of the obtained data, this study was based on authors and authors, who deal with writing, orality, memories and narratives (EVARISTO 2020; BÂ 2013). It was found that the ELN component has contributed to the process of deconstruction of education that as a basis in a Eurocentric curriculum and with colonial remnants, which permeates our school trajectories, from early childhood education to higher education.

**Keywords:** Orality. Ancestrality. Oral tradition.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Quadro descritivo das e dos sujeitas (os) da pesquisa	26
<b>Quadro 2</b> - O que é oralidade para você?	27
<b>Quadro 3</b> - Por que escolheu a componente Educação e Literatura Negra?	28
<b>Quadro 4</b> - Quais foram os aprendizados?	30
<b>Quadro 5</b> - Como foi conhecer o livro caroço de dendê?	31
<b>Quadro 6</b> - Pode relatar sua experiência?	32

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	14
2.1	CURRÍCULO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL	14
2.2	ORALIDADE E ESCRIVIVÊNCIAS	16
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	24
3.1	CAMINHOS PERCORRIDOS	25
<b>4</b>	<b>NARRATIVAS DAS E DOS SUJEITOS</b>	27
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	34
	<b>REFERÊNCIAS</b>	36
	<b>ANEXO</b>	37

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da minha passagem pelo Curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) e busca analisar o conhecimento ancestral transmitido pela tradição oral africana, através dos contos africanos.

É importante destacar como os contos da oralidade de matriz africana de tradição oral do continente africano, (que faz parte da riqueza imaterial da humanidade), podem contribuir para ações educativas antirracistas na sociedade brasileira e para a efetivação da Lei Federal n. 10.639/03, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e o currículo oficial da Rede de Ensino que instaura a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

Os contos ao longo dos tempos, fizeram parte da manutenção da memória e resistência da historiografia e tradição africana. A tradição oral desses povos, resiste à hegemonia branca, eurocêntrica, que no processo da diáspora africana, colonizou, catequizou e, tentou invisibilizar a cultura, tradição, e vivências desses povos. A cultura oral, resiste ao longo dos tempos, pois a fala leva aos seus sucessores, o que seus ancestrais vivenciaram. Suas lutas são repassadas pelos contos, se mantendo vivas e incorruptíveis à hegemonia branca. Adiante, retomaremos a temática que contempla esse estudo.

A perspectiva da pesquisa nesse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizada no Curso de Humanidades, que é projeto interdisciplinar, se deu a partir da experiência na disciplina de Educação e Literatura Negra: Potencialidades Pedagógicas em Narrativas, Mitos, Fábulas e Contos Africanos e Afro-Brasileiros (ELN), componente do curso de Licenciatura em Pedagogia que é ofertada como componente optativa para o BHU.

O Projeto Político de Curso (PPC) do Bacharelado em Humanidades proporciona, de acordo com sua formação em ciências humanas, a capacidade de refletir e perceber o mundo a sua volta, e sua multiculturalidade no processo do saber, na produção de conhecimento e escrevivência. A interdisciplinaridade no curso, é importante para o crescimento e formação ampla e holística, com experiências que somente a interdisciplinaridade pode proporcionar aos discentes dessa universidade. O profissional formado, é capaz de perceber a sua volta, os desdobramentos sociais. Pois está apto, com sua formação, interdisciplinar a ir contra a tudo imposto pelo que coloniza, pois sua visão não é alienada, mas reconhece seu lugar e seu papel

modificador na sociedade onde vive. Conhecer seu papel e lutar por ele, é o que faz alguém, preparado na academia, com formação uma ampla.

A compreensão de diversos processos do saber, é contemplada ao aluno/a do BHU, que durante o curso, pode perceber a vasta diversidade cultural do corpo discente e em nossa formação. A componente optativa para os alunos/as do BHU, Educação e Literatura Negra, traz consigo, uma riqueza cultural e literária, pois durante a mesma, o discente tem a oportunidade de conhecer várias autoras negras, importantes na formação, na qual exige desconstrução de pensamentos, encorajados historicamente pelos colonizadores.

Sabendo disso, podemos fazer um questionamento: Qual a importância da oralidade na temática, abordada na pesquisa, para a formação e afirmação identitária desses alunos/as? Qual o impacto positivo em sua atuação profissional?

A partir do título de Bacharel em Humanidades e das suas vivências na universidade, seguirão para a terminalidade ou em uma pós-graduação (mestrado e doutorado) e poderão contribuir para uma educação e sociedade mais igualitária. A educação é o modo de contribuição mais nobre que um cidadão de determinada sociedade pode contribuir, para o crescimento e desenvolvimento intelectual, político e social do meio na qual habita. Esse desenvolvimento intelectual, humano e social, necessita de uma ferramenta educacional centrada na educação igualitária que reconhece as bases do desenvolvimento, principalmente na educação básica, média e superior.

Considerando o atual cenário sobre cultura, religião, ancestralidade, racismo religioso, e todas as manifestações racistas que podemos perceber na atualidade, esse estudo, se justifica dada a sua importância do seu tema para uma importante intervenção curricular com uma abordagem interdisciplinar, pós-colonial, decolonial, feminista e antirracista.

A experiência de ter cursado uma componente do curso de pedagogia, me proporcionou a troca de saberes, enquanto aluno/a do BHU. Tendo em vista, o processo cultural e os desdobramentos em nossa sociedade, essa pesquisa é necessária, ao passo que, necessitamos desconstruir falas, narrativas, e descolonizar nossos conhecimentos, nossa educação infantil e sobretudo os contos. A componente traz isso, a desconstrução de uma literatura hegemônica e eurocêntrica. Assim, devemos buscar uma literatura que melhor abrange as questões identitárias, de um país majoritariamente negro.

A pesquisa tem por objetivo analisar o conhecimento ancestral transmitido pela tradição oral africana, através dos contos afro-brasileiros e as narrativas dos discentes através da experiência na componente ELN bem como o livro caroço de dendê. Ao mesmo tempo fazer uma reflexão sobre o modo de fazer literatura e cultura da tradição oral negra e africana. Dentre

os específicos estão: Descrever as principais formas de enriquecimento curricular dos contos de matriz africana na educação superior; Demonstrar a necessidade e importância da temática, enquanto disciplina do curso de pedagogia e optativa do BHU; Analisar o impacto desta literatura na vida de estudantes do BHU.

Analisar a cultura oral africana que tem como objeto ou instrumento, o uso e manutenção dos contos em suas culturas e tradições orais, é possível perceber esses contos como ferramenta de luta e resistência ancestral. A importância do tema, na contemporaneidade, se faz necessário, para analisar esses processos culturais e resistir à hegemonia e a um canônico branco. É importante, na opinião desse pesquisador, iniciar pelo processo de educar, ainda na pedagogia, que é o início da educação dos futuros cidadãos Brasileiros. O agora, necessita de desconstrução do passado, de modo a construir uma educação interdisciplinar e multicultural. Esse processo de se reconhecer, se encontrar nesses contos, é importante na formação desses docentes, hoje discentes da UNILAB, mas que no futuro serão professores e formadores de opinião.

Para alcançar os objetivos propostos e melhor apreciação deste trabalho, este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, com uma abordagem teórica das escrevivências. A pesquisa qualitativa como descreve Minayo (2011, p. 3) significa que o verbo “compreender”, funciona como palavra que conduz uma pesquisa e os fatos sociais que se propõe a investigar de caráter exploratório, a partir de uma revisão bibliográfica.

Com intuito de conhecer a problemática sobre a área de estudo foi realizada uma pesquisa descritiva explicativa, apresentando uma visão geral sobre o conhecimento ancestral transmitido pela tradição oral africana. Para a realização da coleta de dados, foi aplicado a técnica da entrevista, a partir do uso e questionário aberto, com o intuito de termos uma rápida inserção à campo, para realizar a coleta das narrativas de discentes que cursaram a componente Educação e Literatura Negra, com a finalidade de colher relatos sobre suas experiências durante a componente curricular de Pedagogia.

O referencial teórico, baseia-se em autores e autoras, como Conceição Evaristo, Amadou Hampatê Bâ e, artigos sobre a temática, com cerne as escrevivências, assim como, nossas contribuições a partir de nossa vida cotidiana e nossas memórias e narrativas. Os autores tem em sua literatura e sua cultura, pois fazem parte da oralidade, das escrevivências, da escrita e da tradição oral.

A tradição oral, leva consigo os fatos ou histórias de seus ancestrais por meio da fala. Essas falas são passadas de gerações em gerações. A cultura falada é, uma ferramenta de resgate e resistência. O repasse dessa cultura viva, garante que a história de seus antepassados

não seja esquecida. A fala é instrumento que armazena seus conhecimentos e memoriza os ensinamentos que se mantêm vivos ao longo do tempo, através da cultura e tradição oral.

A pesquisa mostrou que ao perceber os contos afro-brasileiros a partir do conhecimento ancestral transmitido pela tradição oral africana, durante o trabalho, foi percebido a vasta riqueza cultural, ancestral e potencial modificador que tem a oralidade e literatura negra e afro-brasileira em nosso meio social e educacional. As autoras e autores abordadas na pesquisa, fazem parte desse sistema de construção do legado africano e ancestral e desconstrução da atuação estrutural da hegemonia branca na educação e no cerne social.

Desse modo, acreditamos, que é necessário contribuir na educação, a partir da oralidade. Através dos contos de matriz africana e, a religiosidade africana, é possível perceber os processos de desenvolvimento e o fazer História. Após algumas indagações, é possível analisar, o quanto essa temática se faz necessária, em tempos de resistência e de luta. A fala, a voz, o grito, se faz necessário. A oralidade, é um dos documentos, mais importantes que temos para propagar ou repassar nossas culturas, religiosidades, músicas, histórias, e antes de tudo, nossas identidades.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 CURRÍCULO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

O processo de educar, é uma das etapas mais importantes na identidade cultural e formadora, na nossa vida. A componente ELN, levando em sua essência da oralidade, os contos, as histórias, baseadas na ancestralidade negra, pode e deve levar os estudantes que cursam esta disciplina, a um processo-educador baseado na identidade e na construção e percepção do ser negro nesta sociedade branca, patriarcal e racista. A auto afirmação da identidade negra é importante para os alunos/as que hoje estão na UNILAB, que cursam a componente ELN. O trabalho é sobre oralidade, ancestralidade negra, contos de matriz africana, mas também sobre a formação educadora, ainda tratando-se de uma componente do curso de Pedagogia.

Conceição Evaristo (2009, p. 19), considera, histórias orais, ditados, provérbios, assim como uma gama de personagens do folclore brasileiro, como “heranças das várias culturas africanas aqui aportadas e podem ser entendidas como ícones de resistência das memórias africanas incorporados à cultura geral brasileira, notadamente a vivida pelo povo”. As histórias, os contos, aqui em nosso país, vivenciados na atualidade, são consequência da multiculturalidade que nos cerca e nos abrilhanta enquanto povos de cultura rica e plural. Essa riqueza, pode ser notada em vários aspectos: culturais, linguísticos, moda, religiosos, até mesmo no espaço habitado, como a agricultura, e a alimentação a partir do cuidado e conservação de determinadas plantas e sementes, usadas na cura ou mesmo alimentação de determinados lugares.

A autora trata sobre a rica herança cultural que o continente africano nos trouxe. Essa herança e resistência ancestral, guarda as memórias e o legado através da cultura, através da fala, da música, que ao longo do tempo foram incorporadas à cultura brasileira. Podemos notar, que a variedade cultural, oral, e religiosa, tem muito da africanidade em nossas terras, marcadas pelos traços da história que não deve ser esquecida, deve ser lembrada, e resistir a hegemonia branca, que tenta a todo custo, invisibilizar as tradições e culturas ancestrais de matriz africana. A tradição oral, mantida ao longo do tempo, resiste intacta. Resistir é viver.

Voltando as experiências vivenciadas durante minha passagem pela componente de ELN, esta me oportunizou conhecer o livro “Caroço de Dendê: a sabedoria dos Terreiros”, uma experiência importante e enriquecedora. Trata-se de um livro sobre as histórias da Mãe Beata de Yemonjá, publicado em 2008, com 43 (quarenta e três) histórias, que vão de mitos a experiências com o sagrado. Como atividade da componente, fomos convidados a apresentar um conto e escolhi “A fortuna que veio do mar”.

Antigamente, existia um homem muito bom, mas muito pobre. Todos os seus irmãos o humilhavam, pois ele não passava daquilo, por mais que trabalhasse. O nome dele era Ijiberu, pois ele era filho de Omulu. O trabalho dele era pescar. Um dia, ele disse:

- Mulher, eu acho que vou deixar a pescaria. Vou vender a tarrafa, o puçá, o anzol, e tudo, e vou deixar a vida de pescador. Existia ali um oluô muito acreditado, chamado Tio Joaquim. A mulher, então, lhe disse:

- Eu, se fosse você, primeiro consultava Tio Joaquim.

Ele tinha muita fé nos orixás e respondeu:

- Eu vou.

Botou o chapéu e saiu. Quando foi chegando à porta de Tio Joaquim, o velho foi dizendo:

- Você vem me perguntar pro modo d'eu te dizer o que fazer, mas eu já sei. Mas vamos entrando, tome assento.

Tio Joaquim pegou o opelé, jogou e disse:

- Olha, a resposta eu já sabia, mas aqui diz pra dizer pra você que está perto de você ficar rico. Sua fortuna vem do mar, trazida por um peixe. Não diga a ninguém.

O homem foi pra casa e contou para a mulher o que o oluô falou, e pediu segredo. No outro dia, a mulher do pescador encontrou a esposa de um dos irmãos do seu marido, que lhe perguntou:

- Seu marido já deixou de pescador?

Ela pensou e disse:

- Não, porque um oluô disse a ele que a fortuna dele vai chegar através de um peixe.

A mulher riu:

- Além de pobre, doido.

E chegou em casa e contou ao marido, que contou para os outros irmão, que continuaram a sombar do casal. Mas Ijiberu continuou pescando. Um dia, ele lançou a rede e, na hora de puxar, o peso era tanto que ele quase não aguentou. Quando ele viu, tinha um peixe enorme, com um barrigão. Ele e a mulher enrolaram o peixe e o levaram para casa. Chegando lá, quando abriram a barriga do peixe, só acharam moedas de ouro, braceletes e correntões. Eram muitas jóias que ele vendeu e comprou fazenda de gado e um palácio. Seus irmãos passaram a bajulá-lo e deixaram de o humilhar. Até hoje, ele conserva sua fortuna, mas os irmãos passaram toda a vida na mesma. Não se deve zombar dos outros. (YEMONJA, 2008. p. 71).

Através desse conto, a partir do diálogo, percebi a importância de seguir os conselhos dos mais velhos, não só encarnados, mas daqueles desencarnados, que vem em terra nos falar o certo a seguir.

Ao perceber que vários dos contos faziam parte de algumas experiências em minha vida, senti que fui chamado para desenvolver a minha pesquisa de TCC sobre este tema, pois estava ali interessado pelos contos de Mãe Beata de Yemonjá e compreendendo que a desconstrução é possível, ao cursar uma disciplina com riqueza cultural e literária feminina.

A componente ELN, do curso de Pedagogia da UNILAB, é muito importante na formação dos novos bacharéis em humanidades e futuros pedagogos e pedagogas, logo pesquisadores e formadores de opinião. A componente curricular, dialoga com os desdobramentos e vivências, com histórias ou fatos do dia a dia, além de nos tornar cientes do processo histórico entre África e Brasil, que deixou marcas e símbolos que necessitam ser pensados, e convidados à desconstrução.

É necessário ressaltar a riqueza literária e cultural de tantas autoras como: Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Paulinha Chiziane, entre outras intelectuais negras e mães de santo, como Mãe Cici e Mãe Beata de Yemonjá, entre outras que fazem rico esse componente curricular.

A componente e os contos dialogam com os ensinamentos que as mais velhas e os mais velhos sempre dizem aos mais novos. O aluno/a pode perceber alguns desses contos como um diálogo entre suas vivências e o sagrado. A literatura negra que em sala de aula faz menção aos ensinamentos dos antepassados, esse diálogo se faz necessário, pois, um dos cerne mais importantes nas bases da sociedade, são os ensinamentos transmitidos através desses contos, história, fábulas, que nos indicam um caminho a ser seguido.

Reconheci na disciplina e nos textos apresentados algumas falas que minha tia Marizô (in memoriam) sempre me contava. Falava sobre seu dia-a-dia, sobre suas trajetórias seus sofrimentos, mas que sempre perseverava. Não se pode romantizar as formas de sofrimento, entretanto, devemos sempre ter o espírito de luta, o espírito que quer vencer, primeiro, sermos guerreiros assim como Oxóssi. Essa intersecção, essa união entre o real, o vivido, com os contos, as fábulas, palavras e histórias vivenciadas, por vezes pelo imaginário, dialogam e tem muito contato com realidade.

Os contos são histórias que possivelmente foram vivenciadas por muitas pessoas, por muitas realidades, em vários lugares ou países. É muito importante reconhecer esse legado da oralidade africana ou afro-brasileira através da literatura negra, sim, literatura negra. Se difere de outras literaturas por sua especificidade, de fazer história, sua forma de abraçar quem ouve. A literatura negra, abraça o ouvinte, como um abraço materno, que acalma, acalenta, e segura as bases e serve de alicerce ancestral.

## 2.2 ORALIDADE E ESCREVIVÊNCIAS

A tradição oral, leva consigo os fatos ou histórias de seus ancestrais por meio da fala. Essas falas são passadas de gerações em gerações. A cultura falada é, uma ferramenta de resgate e resistência. Os herdeiros da tradição oral, ouvem atenciosamente os fatos narrados por seus antecessores, para assim levar aos seus sucessores como ato de resistência e unificação da força. O repasse dessa cultura viva, garante que a história de seus antepassados não seja silenciada ou esquecida.

A fala é instrumento que armazena seus conhecimentos e memoriza os ensinamentos que se mantém vivos ao longo do tempo, através da cultura e tradição oral. Os

contos africanos tem seus ensinamentos e didática que prepara para o convívio em sociedade, por se tratar de histórias dos mais velhos, de mitologia ancestral, mitologia dos orixás, pescadores, crianças, animais, e acontecimentos históricos, que são guardados ao longo do tempo, pela manutenção da fala.

Ao analisarmos a integração que existe entre países que fazem parte da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) (Brasil, Angola, Guiné- Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Portugal e Timor Leste) percebe-se que ambos, tem algo em comum, a língua ou fala, esta une esses povos através da oralidade. O Brasil tem grande influência do continente africano em seus: alimentos, danças, cultura e oralidade. A oralidade de África é compartilhada com o Brasil. Como foi exposto anteriormente, o processo da indiscutivelmente doloroso da diáspora trouxe a cultura do continente africano, que faz parte da pluralidade brasileira.

Durante o processo de pesquisar, ao perceber a literatura negra presente nos contos de origem de matriz africana, podemos compreender que os contos são objeto de luta e “forma de resistência à violação e à interdição do negro”, como descreve Evaristo (2009),

O estudo pretende trazer algumas reflexões sobre o ato de fazer, pensar e veicular o texto literário negro. Considera a invenção, pelos brasileiros descendentes de africanos, de formas de resistência à violação e à interdição do negro, impostas pelo sistema escravocrata do passado e pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, realçando as marcas profundas que essas formas de resistência imprimem na nação brasileira. (EVARISTO, 2009. p. 1).

A autora fala sobre como a tradição oral negra é percebida como uma ferramenta de luta e resgate de seus antepassados. De modo, a resistir ao tempo e à hegemonia branca, que nega a importância da cultura afro-brasileira e africana. Pode-se perceber que várias autoras e autores da literatura negra entendem a mesma, como ferramenta de luta e resistência. Nota-se que essas ferramentas de luta, vão contra o sistema que a todo o tempo vai contra o avanço do desenvolvimento da cultura, da tradição e do crescimento intelectual dos sucessores dos escravizados de outrora.

A oralidade em sua tradição é, modelo civilizacional, cultural, de desenvolvimento das manifestações culturais e sociais. A base da linguagem oral vem das relações sociais africanas, como cita os autores. Esse modelo de fazer o repasse de suas histórias, seus ensinamentos, seus pensamentos e ideologias não necessariamente precisa da escrita para perpetuar aos seus sucessores, seus legados.

A tradição oral é guardiã da história e da memória entre muitos povos africanos, sendo preservada, principalmente, por homens sábios, que foram e são responsáveis por manter a memória viva dos fatos e feitos de seus antepassados. São poetas, músicos, dançarinos, conselheiros. Por isso, são denominados, de modogeral, como contadores de história. (SOUZA, 2005, p. 85 apud ALVES; FILHO, 2017, p 51).

A oralidade, é um documento que não se pode queimado, não se pode tirar ou excluir, ela até pode ser ressignificada, mas a essência permanece lá. A fala é o objeto que assegura e transmite os pensamentos aos mais jovens, assim, sucessivamente entre as gerações de determinados povos, que tem o interesse em manter viva sua história e seus legados. A tradição oral africana foi compartilhada no Brasil com o processo da diáspora, fazendo a mistura com os povos aqui existentes. Os fatos narrados aos mais jovens, garante o repasse da cultura e memória que seguiram vivos ao tempo.

A preservação, como citada acima, garante o repasse e a garantia da memória viva, de seus antepassados e seus feitos serão lembrados. É como se a biblioteca estivesse em cada um que comunga da oralidade. São bibliotecas afro-centradas, que o eurocentrismo não colonizou. O modo de se fazer cultura, tradição e resgate de uma oralidade viva, que resiste a hegemonia, que nega a todo tempo as manifestações culturais e tradicionais africanas no Brasil. Sobre a chegada da tradição oral ao Brasil, Alves e Filho afirmam,

Os povos africanos trazidos para o Brasil, instalaram uma tradição que ainda é preservada e que mantém viva a memória nos antepassados. A tradição oral e sua apropriação, é com isso, uma construção metodológica de difusão e construção do conhecimento de alguns povos. Ela pode ser vista também como instrumento preponderante no campo religioso de matriz africana, como no caso do Candomblé e nas sociedades afro-brasileiras, como herança do referido continente. Nossa abordagem trata de forma resumida a história dos povos africanos por ser relevante, embora não tenhamos condição de abranger o assunto em sua totalidade, pois a nossa investigação não alcançaria tamanha extensão. Contudo, por despertar nosso interesse de estudo, investigamos sobre as tradições orais oriundas do continente africano, e como se deu a sua constituição no Brasil, para que entendamos seu estabelecimento no Candomblé, por exemplo, sendo uma característica primordial da religião. (2017, p. 52).

A oralidade africana está presente nas religiões de matriz africanas no Brasil. Sua base é a fala, o instrumento é a voz. A garantia dos ensinamentos religiosos e suas relações se dão a partir das falas dos mais velhos. A preservação da tradição, do modo de fazer, das vestimentas, das indumentárias, da metodologia, da memória, e suas construções, se dão na fala. Os instrumentos mais utilizados são as memórias, o instrumento fonador, as vivências e o meio de convívio, que torna possível esse viés histórico vivenciado e marcado pelo uso da voz. A herança cultural, ancestral, africana garante a continuidade dos valores e de suas memórias.

Quando pensamos em oralidade, podemos perceber que nossas vivências são cercadas de experiências que podem estar atreladas a nossas bagagens de conhecimento, a partir de nossa visão de mundo. O “eu”, inserido em determinado campo social das vivências, toma como objeto as experiências para narrar a outros que nem sempre estão em determinados acontecimentos, mas que a partir da fala, a história toma vida, nos pensamentos e memória de quem observa os gestos e as falas, carregadas de identidade de nós mesmos. O contar os fatos, acontecimentos, traz à tona, tudo o que estava em nossas memórias. Assim, passando para o outro nossas vivências, afim de que possam compreender um pouco de outros mundos. Partindo do ponto, que cada um de nós vive em um mundo de experiências individuais, pois cada indivíduo tem suas próprias percepções, mesmo que compartilhando de um mesmo espaço, esse indivíduo tem sua visão, que nem sempre é compatível com a dos que convivem em um mesmo ambiente.

Partindo do ponto de minhas vivências, sempre tive o chamado do sagrado. Ainda pequeno, meus pais me levavam para a Dona Chiquinha, uma senhora rezadeira que não está mais entre nós. Aos sete anos, lembro-me de ter sido levado para que ele me passasse o ramo (Ato de benzer ou rezar, para afastar energias ruins ou doenças). Lembro de tentar perceber suas palavras, mas não conseguia lhes atribuir significado. Com o passar do tempo, percebi que tinha uma inclinação, para ouvir os mais velhos era como um som maravilhoso aos meus ouvidos.

Conversar com minha avó, saber de suas experiências, suas dificuldades, suas lutas, me fez perceber que o ouvir e o narrar, são importantes, pois documentam fatos históricos, vivências, acontecimentos, e o principal, fatos atemporais, pois mesmo que eu não estivesse ali, na época, mesmo que nada estivesse escrito sobre determinado fato, entretanto, ali teria as memórias, sim, memórias vivas, narradas pela minha avó.

Cresci na serra, Piroás, serra de Redenção, ali ouvi muitas histórias, de medo, assombração, violências, agressão físicas da década de 70 e 80, várias narrações, de pessoas diferentes, algumas estão no outro plano, mas suas memórias estão comigo. As memórias e a falas andam juntas, essa dupla de extrema importância são fatos e acontecimentos, documentados isso está além do papel.

Todas as tardes, sentava me com a tia Marizô, idosa, mais de 90 anos, cheia de memórias, uma verdadeira mantedora de memórias vivas, as memórias dos fatos vivenciados por esses idosos, estão guardadas como em uma biblioteca física, entretanto, está muito além dos limites do homem. Amadou é uma das maiores referências entre tantos e tantas autores(as) da oralidade e literatura negra. Ele faz relatos a partir de suas vivências, suas memórias, assim

tomam forma as narrativas que documentam a realidade vivida, a partir de sua bibliografia. Ele descreve a memória e o treinamento a observar, que era desde a infância e a riqueza e precisão desses relatos:

Muitos amigos que leram o manuscrito mostraram-se surpresos. Como é que a memória de um homem de oitenta anos é capaz de reconstituir tantas coisas e, principalmente, com tal minúcia de detalhes? É que a memória das pessoas de minha geração, sobretudo a dos povos de tradição oral, que não podiam apoiar-se na escrita, é de uma fidelidade e de uma precisão prodigiosas. Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como em cera virgem. Tudo lá estava nos menores detalhes: o cenário, as palavras, os personagens e até suas roupas. (BÁ, 2013, p.11).

Na fala descrita de Amadou, pode-se analisar que a memória está no cerne principal da oralidade ou tradição oral. Ele nos apresenta, nos detalhes mínimos, relatados, em cada contar de histórias. Vemos que os relatos são cheios de detalhes, é justamente isso que torna rica a tradição oral. Ela não é menor ou maior que a escrita, pois ambas têm seu lugar de importância nas bases educativas, segundo Calvet (2011, p. 142).

[...] Já vimos que a tradição oral manifestava um saber linguístico e elaborou os meios de sua transmissão. Mas o narrador ou o griot, atua também como professor de história e de poética (também porque ele tem uma função muito mais importante, ele é a memória histórica) [...]. Nas sociedades de tradição escrita, a escola desempenha esse papel, mas ela é apenas uma forma de resposta entre outras para esse problema fundamental que as sociedades de tradição oral também resolveram. O mesmo acontece com a lei, a memória social, a organização política, todas as coisas que nos são passadas por meio do texto escrito, mas que também existe na ausência da escrita.

Podemos perceber em diversos relatos de autores que retratam o tema proposto durante esse trabalho, que as percepções de oralidade, tradição oral africana, estão estritamente ligadas as vivências como fator determinante para a documentação desses relatos, através da fala. O instrumento fonador, está muito além da escrita, mesmo não à anulando. A fala, soa como música que ganha vida nas histórias, e canções dos Griots<sup>1</sup>. Não tem como falar em tradição oral, sem citá-los.

Os griots é como são chamados os contadores de história no continente africano em alguns locais. Por vezes eles fazem uso de instrumentos para contar ou cantar os fatos e acontecimentos, afim de transmitir seus ensinamentos e conhecimentos a partir de suas experiências, repassadas pelo ancestrais, muitas das vezes debaixo de árvores e em locais naturais.

---

<sup>1</sup> Griot é segundo Carvalho (2014), é uma pessoa mais velha que detém o domínio da fala o saber ancestral de contar histórias e manter viva a memória de um determinado lugar ou povo.

Podemos dizer que o papel do griot é preservar a memória e promover a integração das coletividades, atualizando os símbolos construídos historicamente. Por meio da tradição oral, a cultura africana atravessou fronteiras, deslocando sua voz para outros continentes. A diáspora africana, principalmente a início do século XX, influenciou a projeção de uma nova literatura, na medida em que recupera as antigas tradições orais para difundi-la para além do continente africano. Sendo assim, a literatura, enquanto artefato simbólico construtor da identidade, preserva experiências vividas por comunidades e nações, resgatando, assim, elementos da história e das tradições. Desta maneira, a literatura não funciona simplesmente como uma realidade mimética, reproduzindo tudo que o homem vive em sua realidade cotidiana. Ela pode criar e vislumbra outros mundos que ajudam a constituir um plano idealizado no plano do ser e do agir. Ela funciona como um parâmetro possível de existência, sob o ponto de vista de quem narra e de quem recebe a narração no jogo de colaboração e resistência. (2014, p. 320).

Podemos perceber que o autor coloca a oralidade ou tradição oral como ponto de “Colaboração e Resistência” essa resistência oral faz parte da preservação da memória, e como o autor cita a integração das coletividades. Vejamos a importância da oralidade nas bases primordiais de nossas sociedades. Podemos ver também, o quanto a diáspora africana difundiu a culturalidade e diversidade em seu processo. Mesmo sendo um fato histórico inegavelmente, trágico, a diáspora, ainda assim, contribui e leva consigo, outrora, as riquezas imateriais para fazer parte do desenvolvimento de outros mundos.

A existência da literatura negra, presente nos países africanos e afro-brasileiros, enriquece várias culturas com o trânsito da tradição oral. A oralidade africana, vinda do continente africano, foi difundida na diáspora para outros países, e podemos analisar que os griots, tem o papel histórico de preservação e manutenção das memórias, afim de atualizar os símbolos históricos e os nutrir de fatos e narrativas aos sucessores, que nem sempre presenciam os fatos e acontecimentos do passado. Mas que assim podem levar de geração em geração, a partir das narrativas dos griots. Eles mantêm o saber a partir dos relatos, assim levando a oralidade para a manutenção da tradição desses povos. O autor nos cita ainda mais:

[...] a preocupação sensorial com o poder da palavra dita de maneira expressiva a fim de melhor penetrar nos corações e atuar na memória. Em toda contação de história é previsto o envolvimento da plateia a um discurso ritmado e organizado por fórmulas linguísticas prontas que ajudam na conexão discursiva (versos cantados, onomatopeias, provérbios, ditos populares, parlendas, trocadilhos, adivinhas). Estes elementos auxiliam: a) no prazer de ouvir a história; b) na circularidade de informações obtidas através do texto oral; c) na concentração sobre o desenvolvimento do enredo e d) na memorização da estrutura narrativa. Em favor desta estimulação, a atividade poética ganha maior evidência, pois o contador de história inscreve suas impressões sensoriais apoiado na voz, no movimento do corpo e de sua expressão facial. (CARVALHO, 2014, p. 316).

O autor nos apresenta na metodologia usada na forma de narrar, que é a base da oralidade africana. Ele cita a circularidade, ou seja, essas trocas de saberes, que proporcionam

a memorização e a estimulação para o desenvolvimento da tradição oral. A oralidade expressa os fatos a partir das ligações fonéticas e interação com o ouvinte. A fala é usada nessas ligações fonéticas, trazendo o ouvinte a perceber as variadas percepções, que nem sempre, no momento ele teria percebido, mesmo que vivenciasse os acontecimentos narrados. Pois temos visões diversas, mas a partir do conto ou contar e ouvir, é percebido a visão e a memória guarda a versão ali apresentada de fatos históricos ou acontecimentos.

Podemos perceber, que a maioria dos autores, percebem a oralidade, literatura oral, como base da educação inicial, antes mesmo da escrita na vida dos indivíduos. Pois o início da educação infantil é baseado na fala, antes mesmo das crianças aprender a escrever. Uma não anula a outra, a escrita e a oralidade coexistem. Porém é importante salientar, que a base da educação, até mesmo nos primórdios da humanidade, foi a fala e o uso de desenhos, como podemos perceber nos símbolos nas cavernas.

A oralidade ou tradição oral é, base de processo histórico e cultural dos povos africanos. A identidade africana se mantém viva através da tradição, em forma de resistência.

Como apontam Oliveira e Farias (2019, p. 48).

A voz não silenciada é uma voz que vibra e faz vibrar em nós o encanto perene das tradições do povo africano. Nesse universo destacam-se elementos significativos como, música, religião ensinamentos, ritos, mitos, cantos, dança, poesias que podem ser trabalhados nas práticas educativas. A tradição oral africana pode ser vista como elo com a nossa ancestralidade, já que elementos dessa tradição foram trazidos para o Brasil principalmente através dos africanos escravizados e foram sendo incorporados através das culturas negras aqui existentes ao universo da cultura nacional. Portanto, conhecer a história dos nossos ancestrais se faz necessário para que possamos compreender os desdobramentos dessa presença, como nos torna também responsáveis em transmiti-la.

Os autores nos citam a importância da cultura oral africana em solo Brasileiro, para compreendermos essa pluralidade dentro do universo cultural afro-brasileiro-brasileiro. Compreender esses movimentos sociais e culturais da oralidade africana, nos faz perceber que esses fatos históricos, fazem de nossos continentes, compartilhadores de saberes, no que diz respeito a cultura, tradição e religião.

Vale salientar, que essa troca de saberes, se deu de forma indesejada ou negativa, pois sabemos que a vinda dos africanos foi durante o processo da diáspora africana, entretanto, suas vozes não foram silenciadas, pois as cultura e religiosidades estão presentes no meio social brasileiro. É necessário entender que a tradição oral é uma forma de resistência, como o autor a aborda como vibração das tradições dos povos africanos. Podemos ver também que,

O continente africano tido como o berço da humanidade carrega de forma tão singular a marca da voz, a voz de um povo rico em sabedoria, a voz de povo que fora muitas vezes silenciada pela colonização, mas não calada. África guarda embaixo de cada árvore, ao redor de cada fogueira acesa, os ecos ancestrais das vozes que tecem a memória de muitos saberes, transcendendo tempo e espaço trazendo vida e longanimidade às tradições locais. A voz era o meio que homens e mulheres utilizam para reproduzir suas memórias, que ao transmiti-las de geração em geração era possível perpetuá-las. (OLIVEIRA; FARIAS, 2019, p. 49).

Como afirmado acima, os autores trazem o continente africano como “berço da humanidade”, pois a riqueza cultural, ancestral, e sua sabedoria é citada com grande orgulho pelos autores. Podemos concluir que o continente africano, tem uma pluralidade cultural, rica, que mesmo com o processo de colonização não perdeu suas identidades. No contar de histórias, no narrar, ao redor de fogueiras, as vozes dos ancestrais estão nas memórias e nas falas dos sábios africanos, contadores ou repassadores de história. Acreditamos que o meio de perpetuar os seus legados foi e é através da oralidade, que é a ferramenta que transmite as memórias e documentam suas vivências entre as gerações.

Durante as leituras sobre literaturas, podemos perceber que a tradição oral é passada de gerações em gerações, e mantida através da oralidade desses povos. Esse trânsito está além dos modos educacionais hegemônicos, ele perpassa toda a literatura branca, vai além do olhar eurocêntrico. Essa literatura negra, filosofia ancestral, está além da estruturação da educação do colonizador, a filosofia da ancestralidade negra, não está ligada ao tempo, está além dele, ela está nas memórias dos negros e negras e, toma forma a partir das narrativas, que dão espaço ao pensar, agir e vivenciar. A transmissão dos saberes, está ligada ao falar e ouvir, está além da memorização, está no vivenciar o que se ouve. O repasse dessas memórias, retratadas por tantos autores e autoras se fundamenta na oralidade e tradição da terra e mãe ancestral, a África.

### 3 METODOLOGIA

Aqui serão abordados todos os aspectos metodológicos da pesquisa realizada, descrevendo-se os procedimentos necessários e úteis para avaliar o conhecimento ancestral transmitido pela tradição oral, através dos contos afro-brasileiros.

Esse estudo tem por finalidade realizar uma pesquisa de natureza básica. Para alcançar os objetivos propostos e melhor apreciação deste trabalho, foi utilizada uma metodologia qualitativa e de caráter exploratório, a partir de uma revisão bibliográfica e uso de um questionário aberto. A técnica para coleta de dados foi a entrevista, a partir de um questionário aberto. Com intuito de conhecer a problemática sobre a área de estudo foi realizada uma pesquisa descritiva explicativa. Apresentando uma visão geral sobre o conhecimento ancestral transmitido pela tradição oral africana. A abordagem teórica que é das escrevivências trazendo autoras como Conceição Evaristo, Carolina.

A pesquisa qualitativa, que segundo Maria Cecília Minayo (2011), significa que o verbo “compreender”, que funciona como palavra que conduz uma pesquisa e os fatos sociais que se propõe a investigar. A autora reforça que,

Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento. Para compreender, é preciso levar em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total. Mas também é preciso saber que a experiência e a vivência de uma pessoa ocorrem no âmbito da história coletiva e são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que ela se insere. (MINAYO, 2011, p. 3).

Destaca ainda que “toda compreensão é parcial e inacabada, tanto a do nosso entrevistado, que tem um entendimento contingente e incompleto de sua vida e de seu mundo, como a dos pesquisadores, pois também somos limitados no que compreendemos e interpretamos” (MINAYO, 2011, p. 3).

A abordagem teórica é sobre as “Escrevivências”, elaborada por Conceição Evaristo, que segundo a autora significa uma literatura que se baseia nas suas experiências, enquanto mulher negra brasileira. Como cita:

O meu texto, tanto o texto literário quanto o texto ensaístico, a poesia, a prosa, nasce muito marcado, aliás, profundamente marcado pela minha experiência de mulher negra na sociedade brasileira. É uma escrevivência que se dá realmente, através dessa vida, que é a vida do povo negro. O meu material literário é um material que está profundamente marcado, é ligado às experiências dessa coletividade negra. (LEITURAS BRASILEIRAS, 2020).

Conceição Evaristo cita sua literatura vinda de suas experiências, e relata como se deu esse processo a partir de uma literatura negra.

Adotei o questionário aberto como técnica pesquisa, que segundo Gil:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. Os questionários, na maioria das vezes, são propostos por escrito aos respondentes. Costumam, nesse caso, ser designados como questionários auto-aplicados. Quando, porém, as questões são formuladas oralmente pelo pesquisador, podem ser designados como questionários aplicados com entrevista ou formulários. (GIL, 2008, p. 121).

Como podemos ver o uso de questionário facilita essa troca de informações entre o entrevistador e os entrevistados. Entretanto, durante esse período pandêmico, existe dificuldades na coleta de respostas, mesmo usando das plataformas como WhatsApp, para enviar essas perguntas abertas. O retorno foi menor que o esperado, justamente pelos empecilhos na construção e troca de informações.

O autor fala das vantagens do uso de questionários:

a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio; b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores; c) garante o anonimato das respostas; d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente; e) não expõe os pesquisados à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado. (GIL, 2008, p. 122).

O uso de questionário aberto, facilita a comunicação, sendo mais instantâneo esse diálogo.

### 3.1 CAMINHOS PERCORRIDOS

Gostaria de salientar que essas experiências se deram na componente, ministrada pela Professora Jaqueline da Silva Costa, no semestre 2020.1, a professora é uma de tantas professoras do corpo docente, que está atuando em uma educação, anti-racista, decolonial, feminista e de literatura negra, na qual tem um projeto integrador junto a Unilab. Gostaria de destacar que essa componente se faz necessária, junto ao projeto que tem a Unilab, na qual podemos observar resistência por parte de discentes, em relação a literatura negra usada durante a componente e outras que fazem uso dessa literatura, que está além da que nos é imposta

durante todo o processo de educação. Falando sobre a metodologia da pesquisa, inicialmente entrei contato com discentes do BHU. Num primeiro momento contactei 10 pessoas, mas somente 3 responderam o questionário, que foram Cássia, Z Nunes e Willame.

Cheguei aos entrevistados e colaboradores, durante a componente Educação e Literatura Negra. Percebi que ambos tinham feito a mesma, e alguns, tivemos a oportunidade de cursar juntos. A orientadora ajudou nesse processo de contato com os discentes cursantes da componente abordada na pesquisa.

A pandemia dificultou a realização por completo, pois com o distanciamento, dificultou o trânsito de informações, e o contato. Assim sendo possível somente pelos meios sociais e plataformas. A ferramenta utilizada foi o WhatsApp, na qual enviei de forma instantânea o questionário no word. Ressalto a dificuldade desta rápida pesquisa à campo, pois não tinha contato pessoal com os discentes entrevistados, aja visto o período de isolamento social que vivenciamos.

A produção da pesquisa, se deu com muita persistência. Tive que perguntar sobre a disponibilidade, ao todo, 10 pessoas aceitaram contribuir apresentando suas narrativas, a partir de suas experiências durante a componente, entretanto, senti distanciamento para dialogar com estes, e era necessário procurar as respostas.

A produção de uma pesquisa como essas, à campo, mesmo que remotamente, e na atual conjuntura, teve suas dificuldades, todavia procurei fazer o possível para coletar as narrativas, cheias de vivências e com identidade das contribuições da universidade e curso afrorreferenciado.

**Quadro 1** - Quadro descritivo das e dos sujeitas (os) da pesquisa

Nome	Idade	Curso durante a pesquisa (ano)	Conto escolhida durante a disciplina	Curso atual	Curso de pós-graduação
Cássia	36	BHU	Iyá mi, a mãe ancestral	Pedagogia	Mestranda
Wilame	23	BHU	O menino e o carço.	Pedagogia	_____
Z Nunes	22	BHU	Não respondeu	Sociologia	_____ -

Fonte: desenvolvido pelo autor.

#### 4 NARRATIVAS DAS E DOS SUJEITOS

Nesta parte da pesquisa demonstrarei as respostas do roteiro de perguntas feitos com as e os sujeitos: 1) O que é oralidade para você? 2) Por que escolheu a componente Educação e Literatura Negra? 3) Quais foram os aprendizados? 4) Como foi conhecer o livro caroço de dendê? 5) Pode relatar sua experiência?

Com as respectivas respostas, foi possível verificar as categorias mais citadas. Tais categorias representadas nas narrativas são de caráter ancestral, atemporal, estão além de nossas considerações, estão ligadas aos nossos antepassados e nosso presente. Essas categorias perpassam o limite do tempo. É possível perceber nas narrativas, essa comunicação entre a ficção literária e nossas experiências cotidianas. Muito afeto, memórias, são narrativas que demonstram vários aspectos do seio familiar e ancestral desses sujeitos. Essa troca se dá na comunicação entre as vivências e o cotidiano desses discentes da UNILAB.

**Quadro 2** - O que é oralidade para você?

Sujeito	Resposta	Categorias
<b>Cássia</b>	Oralidade é a possibilidade de comunicar algo, uma história, narrativas, contos. O nosso desenvolvimento linguístico só é possível pois existe oralidade, é ouvindo que a gente vai aprendendo a falar, reconhecendo as entonações, os vocabulários, entre outros. <b>A partir da oralidade podemos viver experiências imaginárias de vidas que não são nossas. Lembro que quando criança adorava ouvir minha mãe falar sobre a sua infância. Para mim aquelas narrativas eram histórias de aventura e minha mãe era a personagem principal.</b>	Ato de comunicar, ancestralidade, infância, a figura da mãe
<b>Z Nunes</b>	É a condição de comunicar se adaptando à imponente continuidade do tempo.	Continuidade de uma temporalidade
<b>Wilame</b>	Fontes de conhecimentos ancestrais passados de geração em geração por via não só da verbalização, mas de tudo aquilo que é falado, nem sempre pela boca.	Conhecimento, ancestralidade.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Após analisar as narrativas de Cássia, Z Nunes e Wilame na primeira, pude destacar categorias, podemos perceber, como elas estão associadas com as experiências, vivenciadas pelos discentes entrevistados.

No relato de Cássia ela ressalta que, a oralidade é uma possibilidade de comunicação, de desenvolvimento linguístico e principalmente de ouvir e aprender a partir dessas vivências e narrativas. Essa troca de narrativas desenvolvem o reconhecimento da fala, como podemos ver:

A partir da oralidade podemos viver experiências imaginárias de vidas que não são nossas. Lembro que quando criança adorava ouvir minha mãe falar sobre a sua infância. Para mim aquelas narrativas eram histórias de aventura e minha mãe era a personagem principal. (Cássia, 2021).

A partir deste fragmento de Cássia, percebemos uma forte presença de aspectos semelhantes do que Conceição Evaristo traz no livro de contos “Olhos d’água”, onde ela faz menção a sua mãe e o quanto ela foi importante na sua vida. Assim como Carolina Maria de Jesus que em suas narrativas, conta o que aprendeu com sua mãe, seu crescimento, ao ouvir suas experiências e suas histórias.

Como pode ser observado, este relato faz menção às escrevivências, que está presente na escrita das intelectuais negras. Ao analisar essa perspectiva, atrelada às escrevivências, podemos observar o quanto esse relato é, importante necessário para um afirmar e reafirmar de identidade e de uma literatura negra na educação, desde a educação infantil até superior, enquanto marcadores identitários, de resistência a um currículo eurocêntrico.

Ao ouvir Willame, ele ressalta que não somente a oralidade, porém, os gestos, movimentos, significados são formas de atribuir fala, conhecimentos ancestrais, que são passados de geração em geração. As fontes do conhecimento oral, faz uso da verbalização e de outros modos de comunicar algo.

Fontes de conhecimentos ancestrais passados de geração em geração por via não só da verbalização, mas de tudo aquilo que é falado, nem sempre pela boca. (Willame, 2021).

Desse modo, o relato dialoga com Amadou Hampatê Bâ (2013, p. 11), que nos apresenta sobre a importância de ouvir os relatos, e a precisão de suas memórias. Que desde criança ouvia com bastante atenção as falas de seus povos, afim de perceber as narrativas vivenciadas pelos seus ancestrais. A oralidade a partir da visão do autor cria forma no contar e ouvir histórias. Na visão do autor, a tradição oral, está atrelada a nossas experiências, pois ao vivenciar, analisar, ouvir com precisão e, perceber o mundo a nossa volta, teremos o que contar para os nossos sucessores, em nossas comunidades e meio social habitado.

**Quadro 3** - Por que escolheu a componente Educação e Literatura Negra?

Sujeito	Resposta	Categorias
Cássia	Existem algumas motivações, acho que a que mais influenciou foi saber quem ministrava a componente. Embora a UNILAB seja uma universidade que preze por uma decolonialidade, nem todos	Ato de educar, motivação, conhecer, decolonialidade.

	professores possuem e vivenciam uma pedagogia decolonial, e isso é importante, principalmente quando pensamos sobre o ato de educar outras pessoas. O segundo motivo, não menos importante é conhecer e compreender a importância das narrativas literárias da população africana e afro-brasileira. Minha outra motivação é um dia escrever um livro infantil, a disciplina me permitiu refletir sobre esse desejo.	
<b>Z Nunes</b>	A ementa prometia trazer biografias e obras tão próximas da minha vida que seria possível eu me confundir com a autoria. E consegui. A professora e intelectual que conduz também foi peça fundamental, pois a prof. Jacqueline Costa tem uma enorme sensibilidade e espírito resolutivo, o que é uma grande ajuda na hora de mergulhar na maré de memórias que a gente resgata.	Memórias, resgate, sensibilidade, intelectualidade.
<b>Wilame</b>	Por se tratar de uma temática importante para a formação de pedagogos/as nos caminhos de implementação da lei 10.639/03.	Formação, Lei 10.639/03.

Fonte: Elaborado pelo autor.

No quadro três aparecem categorias como ancestralidade, interdisciplinaridade, trânsito de saberes, ato de educar, decolonialidade, motivação, conhecimento, memórias, resgate, sensibilidade e lei 10.639/03. Nesse misto de categorias, são conceitos do amplo trânsito dos saberes que interliga a oralidade aos demais modos de analisar o que nos cerca.

A partir da afirmativa de Cássia é observado a importância da oralidade, na universidade e a necessidade da decolonialidade em nossos saberes. Ela ressalta que no ato de educar terceiros é, importante o uso da pedagogia decolonial.

Embora a UNILAB seja uma universidade que preze por uma decolonialidade, nem todos professores possuem e vivenciam uma pedagogia decolonial, e isso é importante, principalmente quando pensamos sobre o ato de educar outras pessoas. O segundo motivo, não menos importante é conhecer e compreender a importância das narrativas literárias da população africana e afro-brasileira. Minha outra motivação é um dia escrever um livro infantil, a disciplina me permitiu refletir sobre esse desejo. (Cássia, 2021).

Ao ouvir o Z Nunes ele nos traz o relato da importância das biografias das autoras usadas na componente. Ele mostra que suas memórias estão atreladas as várias realidades retratadas pelas intelectuais. Podemos descrever que esses relatos durante o desenvolvimento da componente, dialoga com as realidades desses discentes. Que por vezes aparecem de realidades difíceis, mas que perseveram na literatura e na educação enquanto ferramenta transformadora e libertadora, como propõe Paulo Freire, em Pedagogia do Oprimido. Percebemos que esses relatos, estão muito além do campus, mas no centro da sociedade, pois a essas literaturas dialogam com os indivíduos de diferentes realidades e diferentes espaços habitados, dentro do conceito de oralidade.

**Quadro 4** - Quais foram os aprendizados?

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>	<b>Categorias</b>
<b>Cássia</b>	Foi a primeira vez que eu li o livro da Carolina Maria de Jesus. Não sei se consigo expressar em palavras o tamanho e a importância dessa leitura na minha vida. Principalmente reconhecendo nas histórias da autora a minha própria, ao ligar a sua narrativa a minha mãe, minha avó, minhas tias. Aprender é isso, é reconhecer a partir de outras narrativas a sua própria história e a importância delas.	Importância, reconhecer-se, aprender, narrativas.
<b>Z Nunes</b>	Os textos e as discussões que surgiram ao longo da disciplina me colocaram no lugar de identificação imediata, eu estava presente nas palavras como se tivesse vivido com aquelas pessoas. Aprendi, principalmente, que existem muito mais narrativas disponíveis do que as opções que escolheram contar de nós mesmos; que essas histórias até se se opõem em detalhes, podem parecer distantes de algum momento, mas sempre se cruzam; e que e que escrever é autocuidado.	Identificação, momento, autocuidado.
<b>Wilame</b>	Ampliou meus olhares acerca de uma literatura negra plural e potente para a sala de aula.	Conhecimento, literatura, pluralidade, potencias.

Fonte: Elabora pelo autor.

As categorias abordadas no quadro quatro, são tais como: ancestralidade, conhecimento, identificação, autocuidado, momento, pluralidade, potencias, importância. Nessas categorias, vemos que é possível encontrar diferentes visões, interligadas, nas respostas dos discentes, pois a identificação com os contos, a literatura, a identificação dessa pluralidade, e na visão ampliada a partir de analisar essas fontes, e detalhes encontrados em momentos e na literatura da componente.

As narrativas de Cássia estão ligadas ao pensamento das escrituras, e seus relatos fazem o uso da literatura para expressar em palavras o que o corpo mostra, como a emoções. Na literatura negra, ela encontra sua realidade, quando cita que ao ler o livro de Carolina Maria de Jesus, vê ali sua própria história. Essa intersecção entre a literatura negra e as vivências de tantas Brasileiros(as) mostra a riqueza e a importância de se aprender, se encontrar e se construir nas narrativas.

Foi a primeira vez que eu li o livro da Carolina Maria de Jesus. Não sei se consigo expressar em palavras o tamanho e a importância dessa leitura na minha vida. Principalmente reconhecendo nas histórias da autora a minha própria, ao ligar a sua narrativa a minha mãe, minha avó, minhas tias. Aprender é isso, é reconhecer a partir de outras narrativas a sua própria história e a importância delas. (Cássia, 2021).

Desse modo, ao dialogar com Carolina percebe-se que sua literatura, está próxima de várias realidades. Carolina, habita em vários lares. Carolina vive, e expressa a partir de sua

literatura e suas experiências o bom dos lares Brasileiros, que lutam para resistir à hegemonia branca.

**Quadro 5** - Como foi conhecer o livro *Caroço de dendê*?

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>	<b>Categorias</b>
<b>Cássia</b>	Foi bom, pois pude aprender outras narrativas para além daquelas ditas clássicas. O livro nos permite conhecer narrativas e estas tentam explicar a vida no nosso cotidiano.	Vida, cotidiano, narrativas.
<b>Z Nunes</b>	Entrar em contato com uma obra de resgate histórico é energizante por si só, com <i>Caroço de dendê</i> esse momento é lúdico e cheio de ensinamentos em uma mesma sintonia.	Sintonia, resgate, ensinamentos.
<b>Wilame</b>	Uma experiência maravilhosa, pois se interligou com minha vivência de terreiro.	Experiência, vivências.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Neste relato, podemos perceber que entre algumas respostas, sobre a experiência ao livro *Caroço de Dendê*, aparecem categorias similares. Vivências, ancestralidade, cultura, narrativas, vida, experiência, interligamentos, cotidiano. Essas categorias mostram a cultura, a ancestralidade e saberes na vida desses discentes entrevistados. Willame por exemplo, é de terreiro, tem uma pesquisa que está atrelada com as religiões de matriz africana. Ao pensarmos sobre suas vivências e experiências que ele vive no dia a dia, podemos perceber que seu relato interliga com os contos, e os saberes que tem o livro *Caroço de Dendê*.

Mãe Besta de Yemonjá foi uma mãe de santo, escritora negra, em sua literatura de terreiro, podemos ter as sabedorias dos orixás, seus ensinamentos, e a sabedoria africana e ancestral. Wilame nos fala justamente isso, o quanto o livro interligou com suas vivências no terreiro:

Uma experiência maravilhosa, pois se interligou com minha vivência de terreiro.  
(Willame, 2021).

Desta forma, ao dialogar com as vivências de terreiro percebe-se que a literatura ancestral, oral, e tradicional se faz presente na religiosidade de matriz africana. Pois as músicas, os contos, as histórias, os pontos cantados, são entoados, a partir de uma memória construída nas experiências desses espaços sagrados. O cotidiano, a ancestralidade, e seus interligamentos, estão coexistindo em um mesmo ambiente, essa pluralidade tradicional, cultural e oral, torna essas vivências, documentos guardados não somente pela escrita, entretanto, pela oralidade.

No livro de contos *Mãe Beata* expressa todas essas vivências cotidianas, que por vezes relatam algo de nossas vidas nesses contos. Em alguns pontos, podemos perceber esse diálogo, entre a literatura e o cotidiano vivenciado pelos entrevistados.

**Quadro 6** - Pode relatar sua experiência?

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>	<b>Categorias</b>
<b>Cássia</b>	Existem alguns temas que são bem sensíveis. Falar sobre maternidade é um deles. Logo o texto me pareceu muito profundo, pois mostra como a nossa vida segue sendo influenciada por aqueles que não estão mais conosco. Reconheci na mãe um guia, um ser protetor. Para o desenvolvimento da apresentação, fiz alguns desenhos representando a mãe e seu bebê, e reproduzi a partir de um slide. Foi legal, me emocionei, fiquei nervosa, mas acredito que foi uma experiência gratificante e de muito aprendizado.	Sensibilidade, maternidade, ancestralidade, emoção.
<b>Z Nunes</b>	Foi fantástico! a preparação já começou durante a leitura, quando tentava imaginar como seria aquela história em vida. Depois veio a caracterização usando objetos citados no texto e o grande momento de apresentação, que me permitiu voltar a atuar.	Continuidade, história, vida, atuação.
<b>Wilame</b>	Não respondeu	Não respondeu

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na questão do quadro cinco, por exemplo, aparecem categorias como ancestralidade, comunicação, sensibilidade, continuidade, atuação, maternidade, emoção, sabedoria. Percebemos que durante as narrativas, na maioria das respostas, aparecem categorias como: maternidade, ancestralidade, sensibilidade, comunicação, continuidade, vivências, saberes, interligamentos. Por tanto todas essas categorias dialogam com a oralidade, em sua continuidade, sua tradição, dialogam também com as vivências, embasadas por Conceição Evaristo, que tem como base, nossas experiências, nossas vivências.

O estudo é necessário, ao passo que é necessário intervir em nosso meio habitado. Onde nos encontramos? Nos encontramos nos laços parentais, nos laços tradicionais, que são a identidade de nosso povo. Nossas identidades, nossa história vivenciada, ganha forma, nos relatos, nos relatos e narrativas, nossas experiências tomam vida, e são repassadas aos sucessores afins de documentar na memória, esses acontecimentos. A oralidade ou tradição oral, tem esse papel e poder, de levar consigo nossa história, a partir dos relatos, assim mantendo vivo o legado de um povo ou comunidade.

Essa troca de ouvir e narrar, da vida as experiências, fazendo menção à tantas intelectuais da literatura negra. As(os) intelectuais tais como, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Amadou Hampatê Bâ, ambos deram vida a suas vivências, seus relatos, podem ser imaginados, podem se encontrar no seio de tantas famílias mundo a fora.

Essas vivências tomam forma nos relatos escritos, documentados, no papel e na memória. Tantas narrativas interligadas com a literatura e nossas vivências cotidianas, percebemos que a oralidade nada mais é, do que a documentação oral, baseada nas memórias,

que ganham forma nos relatos. Esses relatos, ricos e, plurais, fazem trânsito entre tantas identidades, sociais, étnicas, religiosas, tradicionais, culturais, a oralidade toma vida e forma, ela está sempre ali, desde o início de nossas experiências ainda bebê, até nossos relatos, de uma vivência inteira, aos nossos sucessores, para assim manter viva, nossas memórias e legados. A história de tantos povos, se matem viva no cerne de suas memórias, ligadas a fala, elas tomam vida, e são passadas de geração em geração.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, é fruto da minha passagem pelo BHU, na UNILAB, que buscou analisar o conhecimento ancestral transmitido pela tradição oral africana, através dos contos africanos. É importante destacar como os contos da oralidade de matriz africana de tradição oral do continente africano, (que faz parte da riqueza imaterial da humanidade), tem contribuído para ações educativas antirracistas na sociedade brasileira e para a efetivação da Lei Federal n. 10.639/03, que alterou a (LDB) o currículo oficial da Rede de Ensino que instaura a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

Os contos ao longo dos tempos, fizeram parte da manutenção da memória e resistência da historiografia e tradição africana. A tradição oral desses povos, resiste à hegemonia branca, eurocêntrica, que no processo da diáspora africana, colonizou, catequizou e, tentou invisibilizar a cultura, tradição, e vivências desses povos. A cultura oral, resiste ao longo dos tempos, pois a fala leva aos seus sucessores, o que seus ancestrais vivenciaram. Suas lutas são repassadas pelos contos, se mantendo vivas e incorruptíveis à hegemonia branca. Adiante, retomaremos a temática que contempla esse trabalho de conclusão de curso.

A perspectiva da pesquisa nesse TCC realizada no BHU se deu a partir da experiência na disciplina de Educação e Literatura Negra: Potencialidades Pedagógicas em Narrativas, Mitos, Fábulas e Contos africanos e Afro-Brasileiros (ELN), componente do curso de Pedagogia e ofertada como componente optativa para o BHU da UNILAB, na qual tem um projeto interdisciplinar.

Ao concluir, espero ter conseguido sintetizar e perceber os contos Afro-Brasileiros a partir do conhecimento ancestral transmitido pela tradição oral africana. Durante o trabalho, foi percebido a vasta riqueza cultural, ancestral e potencial modificadora que tem a oralidade e literatura negra e afro-brasileira em nosso meio social e educacional. As autoras e autores abordadas na pesquisa, fazem parte desse sistema de construção do legado africano e ancestral e desconstrução da atuação estrutural da hegemonia branca na educação e no cerne social.

A herança e o legado africano se deram, ao que percebemos, pela origem da fala em seus ensinamentos, não somente pela ausência ou pela inexistência da escrita, entretanto, como resgate e manutenção de suas tradições, que estão além das tradições ocidentais. O estudo, procura de forma sintética elaborar os processos educativos e formativos identitários, da identidade negra no Brasil e em África.

A pesquisa analisou o estudo de forma coletiva, a partir da coleta de respostas de discentes do BHU prestes a formar e que cursaram a componente de ELN, com o uso de

questionários abertos. Percebemos que várias categorias podem ser usadas para descrever e narrar suas experiências, após cursar a componente curricular que deu origem e embasou este trabalho. Desse modo, constatei que a componente de ELN, tem contribuído para o processo de desconstrução de educação com base em um currículo eurocêntrico e com resquícios coloniais, que perpassa nossas trajetórias escolares, desde a educação infantil até a superior.

A UNILAB, tem um projeto integrador e transformador com isso temos, durante nossa passagem por ela, a experiência de fazer parte desse sistema de educação afro-referenciado. Portanto, percebi a importância deste estudo, afim de se construir nesse crescimento educacional, como formador e resistência de uma hegemonia branca no Brasil que afeta o ensino superior, em um país majoritariamente negro, uma questão reforçada por Conceição Evaristo que defende uma Literatura Negra e Afro-brasileira, como primordial para compor alterar o cânone branco que não reconhece esses aspectos como importante.

## REFERÊNCIAS

- BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullei, o menino fula**. Palas Athena, São Paulo, 3<sup>o</sup> edição, 2013.
- CALVET, Louis-Jean. **Tradição oral e Tradição escrita**. Parabola Editorial, São Paulo, 2011.
- CARVALHO, Ricardo José. Educação, Identidade e Literatura Oral: O Griot na diáspora Africana. **Revista Fórum Identidades**, Ano VIII, v.16, n<sup>o</sup>16, jul.2014.
- EVARISTO, Conceição. Escrevivências. 2020. 23 min. Publicado pelo canal Leituras Brasileiras. Disponível em: <https://youtu.be/QXopKuvxevY>. Acesso em: 25.jul.2022
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, Belo Horizonte, v 13, n. 25, p. 17-31, 2009.
- FILHO, Eudaldo Francisco dos Santos. ALVES, Janaína Bastos. A tradição oral para os povos Africanos e Afro-brasileiros: Relevância da palavra. **Revista da ABPN**, Edição Especial, caderno temático, Saberes Tradicionais, v 9, p. 50-76, 2017.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. Atlas, São Paulo, 6<sup>o</sup> edição, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise Qualitativa: Teoria, Passos e Fidedignidade**. Claves, Rio de Janeiro, 2011.
- OLIVEIRA, J. M. de; FARIAS, K. de L. Só quem sabe onde é Luanda saberá lhe dar valor: a tradição oral como herança ancestral. **Voluntas Revista Internacional de Filosofia**, [S. l.], v. 10, p. 43–64, 2019.
- YEMONJÁ, Mãe Beata de. **Caroço de Dendê: as sabedorias dos terreiros**. Pallas, Rio de Janeiro, 2<sup>o</sup> edição, 2008.

## ANEXO

## ANEXO 1 - PLANO DE ENSINO

<b>I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:</b>	
<b>1. Curso:</b> [ ] Bacharelado [X] Licenciatura	<b>Curso:</b> PEDAGOGIA
<b>2. Unidade Acadêmica:</b> IH /CURSO DE PEDAGOGIA	<b>3. Semestre:</b> 2021.2
<b>4. Modalidade:</b> [ ] Presencial [ ] Semi-Presencial [ X] a Distância	
<b>5. Turno(s):</b> [ ] Matutino [ ] Vespertino [ X] Noturno	
Componente curricular: Educação e Literatura Negra: Potencialidades pedagógicas em narrativas, mitos, fábulas e contos africanos e afro-brasileiros.	<b>7. Código:</b> <a href="#">COOCP0052</a>
<b>8. Docente:</b> Jacqueline da Silva Costa	
<b>9. CH:</b> 60h	<b>Distribuição da CH:</b> [ x ] Aulas teóricas-remotas [ ] Aulas Práticas (preenchimento opcional)
<b>10. Caráter da oferta da disciplina:</b> [ x ] Obrigatória [ ] Optativa	
<b>II – DADOS ACADÊMICOS:</b>	
<b>1. Justificativa:</b>	
A componente curricular de Educação e Literatura Negra: Potencialidades pedagógicas em narrativas, mitos, fábulas e contos africanos e afro-brasileiros, pode ser considerada como um instrumento de reflexão epistemológica da produção de uma literatura afrobrasileira que valoriza a população negra brasileira. Ao mesmo tempo pretende dar voz e espaço a uma produção de acadêmicos de intelectuais negras marcadas por suas experiências de vida e lugar de fala. Dessa forma, a afirmação de uma Literatura Negra tem o compromisso com a Lei 10.639/03 e com o conhecimento de nossa ancestralidade brasileira e africana.	
<b>2. Ementa:</b>	
Análise e debate sobre a literatura negra, afro-brasileira e africana, na perspectiva de diálogo, valorização e disseminação das narrativas, mitos, fábulas, contos e demais expressões da literatura negra, afro-brasileira e africana nas práticas educativas em sala de aula. Pensar potencialidades Pedagógicas das diversas expressões da literatura negra, africana e afro-brasileira, para as práticas educacionais.	
<b>3. Objetivos e conteúdo programático</b>	
<b>Objetivo Geral</b>	
a) Ter contato com a escrita de intelectuais negras brasileiras, africanas e norte-americanas; b) Analisar como o racismo e o sexismo presente na sociedade, pode estar em obras literárias em forma de denúncia; c) Conhecer e analisar obras literária infantis que contribuem na afirmação da identidade e fortalecimento da autoestima de crianças negras; d) Refletir sobre a importância da Literatura Negra nos cursos de formações de professoras (e) interseccionada às questões de gênero, classe, raça, etnia, religião e cor;	

<b>Eixos Formativos</b>
<b>Eixo 1:</b> Escritas do corpo feminino – Intelectuais Negras. A contribuição das mulheres negras na produção e circulação de conhecimento. Viver em uma sociedade anti-intelectual. A Urgência que temos de escrever, produzir nossas experiências.
<b>Eixo 2:</b> Mitos, fábulas, contos e demais expressões da literatura negra, afro-brasileira e africana nas práticas educativas em sala de aula. Conhecer e analisar obras literária infantis que contribuem na afirmação da identidade e fortalecimento da autoestima de crianças negras.
<b>Eixo 3:</b> Potencialidades Pedagógicas das diversas expressões da literatura negra, africana e afro-brasileira, para as práticas educacionais. Potencializar práticas educativas antirracistas para o trabalho pedagógico em sala de aula.
<b>4. Metodologias</b>
Ensino remoto com o uso das ferramentas tecnológicas de interação (redes sociais) e comunicação (videoconferências no meet, música, imagens em slides e apresentação de vídeos).
<b>5. Recursos Didáticos:</b>
Computador; Celular.
<b>6. Avaliação da Aprendizagem:</b>
<b>Primeira Avaliação:</b> - Escolher uma obra de escritoras negras teórica ou obras infantis africanas e afro-brasileiras; - Fazer um vídeo de 2 min e postar no seu Instagram e no Instagram da turma; a) Apresentar a autora; b) Falar o nome da autora; c) Essas autoras te auxiliam e/ou encorajam para enfrentar o racismo; d) Quando estiver em sala de aula vai trabalhar com essas obras? <b>Canal: Instagram</b> (vídeo com no máximo 2 minutos).
<b>Segunda Avaliação:</b> (Em dupla ou trio). Escolher um conto do livro Carçoço de Dendê. a) O grupo fará a contação de história de forma criativa, podendo usar imagens, músicas, e outros instrumentos que passe a mensagem da história; b) <b>Canal: email da componente</b> , (vídeo com no máximo 5 minutos).
Enviar para o email: <a href="mailto:jacquelinecosta.aulas@unilab.edu.br">jacquelinecosta.aulas@unilab.edu.br</a>
Assunto: Disciplina e Nome.
<b>7. Bibliografia Básica:</b>
DAMASCENO, Benedita Gouveia. Poesia negra no modernismo brasileiro. Campinas: Pontes Editores, 1988.
GIOIELLI, Décio; LIMA, Heloisa Pires (Org.). A mbira da beira do rio Zambeze: canções do povo xona inspiram crianças brasileiras. São Paulo: Salamandra, 2007. 44 p. ISBN 9788516055769 (broch.)

OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro. Narrativas de Thereza Santos – Contribuições para a educação das relações étnico-raciais. 2009. 145 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009. Disponível em <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2474/2375.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em 22/07/2016.

#### 8. Bibliografia Complementar:

BEATA DE YEMONJÁ, Mãe. *Caroço de dendê: A sabedoria dos terreiros: como ialorixás e babalorixás passam seus conhecimentos a seus filhos*. 2ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

EVARISTO, Conceição; et al. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In: Maria Nazareth Soares Fonseca; Terezinha Taborda Moreira. (Org.). *Literatura Scripta - Vol. 13 - no. 25*. 1ed. Belo Horizonte: Editora Pucminas. 2009, v. 1, p. 17-31.

Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/viewFile/4365/4510>. Acessado em 22/07/2016.

#### 9. Bibliografia Suplementar:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. São Paulo, Companhia das Letras, 1ª. Edição, 2017.

CARNEIRO, Sueli. *Mulheres em Movimento*. Link: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/?lang=pt>

CHIZIANE, Paulina. *Eu mulher...por uma nova visão de mundo*. Moçambique/Maputo, Ed. Indico, 2013.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Editora Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

HOOKS, Bell. *Intelectuais negras*. Revista de Estudos Feministas. n. 2, 1995, p. 1-15.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bititita*. São Paulo: Companhia das Letras, 1960.

\_\_\_\_\_. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo, Ed. Ática- 10ª. Ed., 2014.

LIMA, Luís Felipe de. *Oxum: A mãe da água doce*. Rio de Janeiro, Ed, Pallas, 2007.

MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. Companhia das Letras, 2003.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TRINDADE, Solano. *Poemas antológicos de Solano Trindade*. (Org.) REIS, Z. C. São Paulo: Nova Alexandria, 2008.

#### 8. Recebido pela Coordenação do Curso em: (preenchimento na coordenação)

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1) Aprovação pela Unidade Acadêmica:

Nº da ata da Reunião: ____/____/____	Data de Aprovação: ____/____/____.
<p>_____</p> <p>Coordenador(a) do Curso</p> <p>Portaria Nº ____/____</p> <p>(assinatura e carimbo)</p>	
<b>2) Aprovação pela Câmara de Ensino:</b>	
Nº da ata da Reunião: ____/____/____	Data de Aprovação: ____/____/____.
<b>Assinatura dos Membros da Câmara de Ensino:</b>	